

A volta do brasileiro indignado

11 DEZ 1993
AUGUSTO NUNES

Os editores incumbidos da montagem da primeira página dos grandes jornais brasileiros decididamente não podem queixar-se de falta de assunto. Todos os dias, a manchete tem sido disputada por dois, três, eventualmente meia dúzia de fatos com suficiente voltagem para ocupar o espaço mais nobre do jornal. São assuntos quase invariavelmente escabrosos, incrustados na zona de sombra desenhada no que outrora foi a fronteira entre casos políticos e casos de polícia.

Numa única edição recente, a fisionomia artificialmente chorona de José Carlos Alves dos Santos simula desespero pela descoberta do cadáver da mulher, PC Farias recupera o ar blasé ao pousar no cenário em que agia a quadrilha, a CPI do Orçamento constata que os anões são muito mais que sete, escavações no submundo das grandes empreiteiras aumentaram o volume de patifarias praticadas pela corruptocracia destes tristes, trêfegos trópicos. Tantas bandalheiras numa só edição indicam que o país vai mal, certo? Errado: o Brasil vai bem, e assim continuará enquanto se dispuser a seguir até o fim com a faxina moral há tempos reclamada pelos homens decentes.

A formidável roubalheira federal, insista-se, é coisa antiga. Nova é a disposição de atacá-la, numa ofensiva moralizadora que não seria possível sem uma democracia já musculosa, embora tão jovem. No Governo Costa e Silva, aventureiros se alojaram em prefeituras e governos estaduais porque pagaram dívidas de jogatina contraídas por pais da Pátria fardados. No Governo Emilio Médici, obras criminosamente inúteis enriqueceram ministros recrutados na caserna e, claro, gulosos empreiteiros. No Governo Ernesto Geisel, as contas bancárias dos delinquentes de sempre foram engordadas pelas usinas nucleares, os vagalumes mais ociosos e perdulários do planeta. No Governo João Figueiredo, donativos em dinheiro ou em espécie — cavalos e mulheres, por exemplo — reduziram gerais carrancudos a solícitos servidores de paisanos bilionários. A censura, o autoritarismo e o terrorismo de Estado impediram que esses bandidos e suas bandalheiras ocupassem as manchetes dos jornais.

Restaurado o regime democrático, a ladroeira, conceda-se, não cessou. Mas a plena liberdade de imprensa permitiu a localização dos tumores existentes no organismo nacional — e eram tantos e tão malcheirosos os focos de infecção que se tornou inadiável

lancetá-los. A tarefa é penosa, mas merece a pronta mobilização dos brasileiros. Os italianos virtualmente não têm feito outra coisa há dois anos e meio, quando a “Operação Mãos Limpas” começou. As muitas celas habitadas por antigos ministros, senadores, deputados e grandes empresários atestam que valeu a pena acreditar no fim da impunidade. A captura de PC Farias e o cerco movido às quadrilhas de corruptos dolarizados sugerem que também o Brasil vai tateando o bom caminho.

Nada têm de surpreendentes, portanto, os resultados de duas recentes pesquisas de opinião que registram a ressurreição do brasileiro indignado — supostamente assassinado pelo cinismo endêmico em algum lugar do passado. No primeiro levantamento, de âmbito nacional, uma comovente maioria de gaúchos reafirmou a tendência que se vai generalizando: substituir, nas próximas eleições, três quartos da Câmara dos Deputados. A voltar às costas ao Poder Legislativo, o eleitorado prefere votar, e votar corretamente. Outra pesquisa, estendida a todo o território nacional, atestou que mais de 70% dos entrevistados estão otimistas em relação ao futuro do país. Viva o povo brasileiro.